

# CEDI

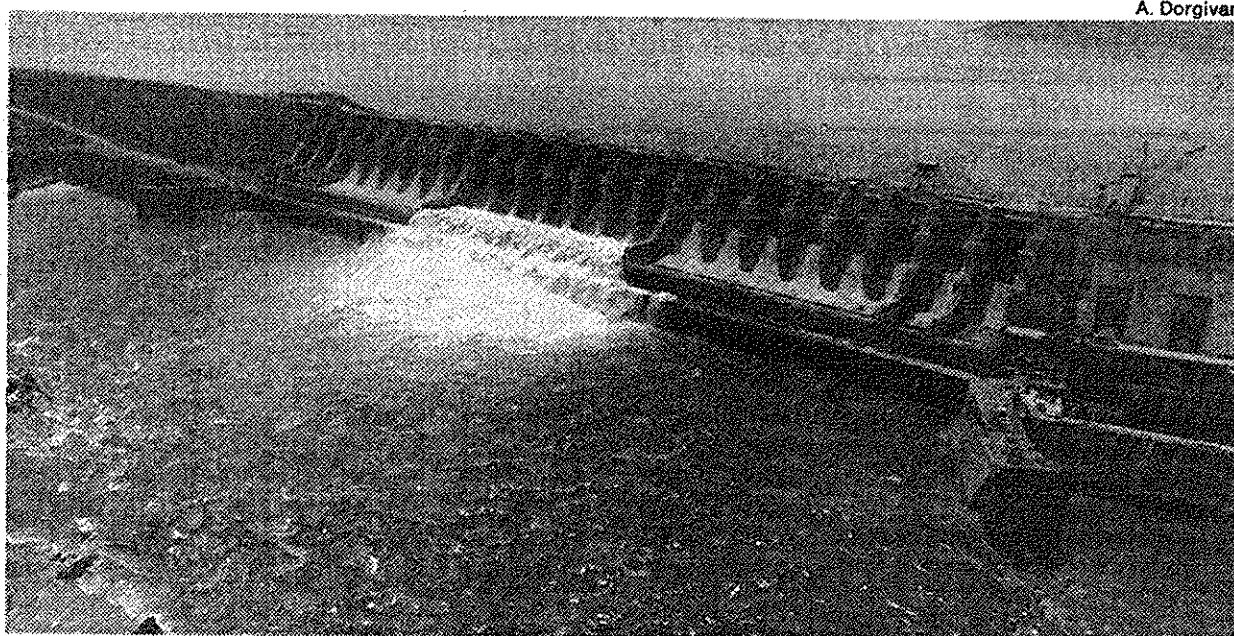
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: Energia/UHE  
 Data: 28/5/92 Pg.: 5 22

# Hidrelétricas podem matar Amazônia

■ Ambientalista prevê desastre ecológico irreversível com o Plano Brasil 2010

Hidrelétricas na Amazônia: ruim com elas, pior sem elas. O impasse dividiu as opiniões de quem foi assistir ao debate sobre *Problema das hidrelétricas* na Rio-Ciência 92 — evento paralelo à Rio 92, que está sendo realizado no campus da UFRJ, na Praia Vermelha, Urca. Ruim com elas porque, da maneira como foram feitas, as hidrelétricas na Amazônia promoveram desastres ecológicos, com consequências irreversíveis. Pior sem elas porque se o Brasil não investir em hidrelétricas — e o potencial hídrico da Amazônia é imenso —, o país corre o risco de viver um colapso energético.



Apesar das técnicas avançadas, a hidrelétrica de Tucuruí está gerando problemas para a população

Na opinião do ambientalista Phillip Fearnside, do Inpa (Instituto Nacional e Pesquisas Ambientais), o Brasil não demonstrou no passado qualquer preocupação com a questão ambiental e populacional ao construir hidrelétricas na Amazônia, embora as campanha para convencer a opinião pública tentassem provar o contrário. Essa situação não mudou e, na visão de Fearnside, se o país cumprir o Plano Brasil 2010, elaborado há dez anos, que prevê construção de mais 70 hidrelétricas para o aproveitamento potencial hídrico da região, a Amazônia morrerá.

“Fizemos hidrelétricas absolutamente desnecessárias, como a de Balbina (sudoeste de Manaus), que acabou com o meio ambiente, degradou a vida da população local e não resolveu os problemas energéticos da capital. Sessenta e sete por cento da ener-

gia de Tucuruí são consumidas pela Albras (Alumínio do Brasil, no Pará, associação da Vale do Rio Doce com a Nippon Amazon Aluminium Company, empresa japonesa), beneficiada por um contrato de 20 anos que prevê que a energia fornecida para a fabricação do alumínio não pode superar 30% do custo do produto. Ou seja: o Brasil subsidia a Albrás e quem paga a conta é o consumidor. Qual o sentido de fazer hidrelétricas com esse fim?”, questionou o ambientalista. Tucuruí, que costuma ser apontada como exemplo de hidroelétrica pelo governo, também foi criticada. “O lago que se formou deu origem a moscas tipo mutuca que infernizam a população dia e noite”, lembrou.

O professor Aziz Ab’Saber, professor da USP e considerado um dos

maiores especialistas em hidrelétricas do Brasil, procurou ser imparcial na sua exposição. Para ele, as “bobagens” que até hoje foram feitas em matéria de hidrelétricas na Amazônia podem ser explicadas, em parte, pela desinformação que havia até dez anos atrás a respeito da topografia da Amazônia — “Não havia um referencial” — e também pela pouca importância que se dava à questão do impacto ambiental e às consequências sentidas pela população diretamente atingida. “Na Amazônia, tudo tem que ser avaliado. A variável ambiental passou a ser tão séria quanto a ambiental”, disse.

Já o professor da Coppe, Frederico Magalhães Gomes, ex-engenheiro da EletroNorte, acredita que o aproveitamento hídrico da Amazônia através

das hidrelétricas é a única saída para o impasse da falta de energia.

“Daqui a uns anos Itaipu vai se esgotar e, na hora que faltar luz nos grandes centros urbanos, quero ver o que ambientalistas como o Phillip Fearnside vão dizer”. Ele passou boa parte de sua exposição comparando as hidrelétricas do Brasil com as do Primeiro Mundo.

“O Japão, com aquele território infimo, tem 2.228 barragens e está construindo outras, enquanto nós temos apenas 516 e estamos com todos os projetos parados, com exceção da hidroelétrica do Xingó. A Suécia tem pouco mais de 18 grandes rios e 1.003 hidrelétricas. Agora me diga quem vive melhor: os suecos ou o caboclo lá da Amazônia”, disse Frederico, dividindo opiniões e criando uma grande polêmica.

A. Dorgivan